

O QUE É MĀYĀ

Swami Paratparananda¹

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Novembro de 1963

Aparência e Realidade

Com frequência nos deparamos com este termo, Māyā e muitas vezes vemos que tem sido mal interpretado. Tem sido traduzido como ilusão em Português² e isto fez surgir toda a confusão. Mas para um pensador e observador imparcial isto não deve necessariamente acontecer. Ele vê quase um paralelo entre as teorias científicas de hoje e Māyā.

Vemos, por exemplo, a primeira afirmação da doutrina de Māyā, ou seja: a aparência não é a realidade. Parece real porque algo mais que forma o substrato ou essência é real. Isto é o que a ciência nos diz também. Vamos citar alguns exemplos concretos ao invés de confundir-nos no labirinto das palavras. Quantas mudanças revolucionárias tiveram os conceitos comuns, com relação aos fenômenos básicos! Há mil anos as pessoas aceitavam o mundo como sendo uma superfície plana e quantas ideias estranhas haviam de como ele permanecia em sua posição. Acreditamos nessas coisas agora? Se alguém acreditar nisto, será considerado como vindo da era neolítica, apesar de que a ciência moderna não é tão velha. Foi apenas quando Colombo, que disse que poderia atingir a Índia seguindo ao redor do mundo, se a outra rota não estivesse disponível, quando teve sucesso até certo ponto, foi que houve algum tipo de crença na declaração de que o mundo era redondo.

Dizemos que o sol surge no leste e desaparece o oeste. Mesmo agora esta fraseologia não mudou; mas o sol gira ao redor da terra como parece aos olhos comuns? Não, diz o cientista. É a terra que se move ao redor do sol, como também sobre seu próprio eixo. Esta última rotação produz a noite e o dia, como também o movimento inicialmente citado produz as estações do ano. Outra maravilhosa teoria ou fato, como quer que a chamemos, da ciência é que a nossa Terra está se movendo à uma grande velocidade de 17,5 milhas por minuto. Apesar disso nós não sentimos o impacto de tal velocidade. Para nós parece que a Terra está estacionária.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

² Do original em Inglês, 'Illusion' (nota do tradutor).

Ainda há muitas outras coisas além dessas que apenas poderosos telescópios e um olho experimentado poderiam descobrir. Por exemplo, foi recentemente descoberto pelos 'astrônomos soviéticos e americanos simultaneamente e independentemente que uma das mais distantes e visíveis galáxias, 3C-273, está mudando seu brilho'.

"O espectro de 3C-273 mostra que está se afastando de nós a uma velocidade de 30.000 milhas por segundo – centenas de vezes mais rápido do que qualquer estrela de nossa própria galáxia poderia possivelmente se mover – daí sua identificação como uma galáxia.

'Até agora radiação variável tinha sido observada somente em estrelas e ninguém jamais suspeitou que também as galáxias pudessem mudar seu brilho.'

'A própria existência de tais superestrelas era considerada como impossível até muito recentemente.'"³

Podemos continuar a apresentar evidências para provar que o que as pessoas acreditavam ingenuamente sobre o mundo no passado, teve que ser descartado e novas crenças, formuladas de acordo com teorias científicas, foram cultivadas. Mas nosso propósito sendo o de mostrar que o mundo não pode ser considerado como aparece mesmo do ponto de vista da ciência, estes poucos exemplos devem ser suficientes. A doutrina de Māyā não exige nada além do que este reconhecimento: a aparência tem uma existência condicional e quando a condição varia a existência também sofre uma mudança, ou seja, não é eternamente real.

Māyā como Ignorância

Antes de tratar da natureza de Māyā veremos como tem sido geralmente interpretada. Māyā é descrita por um dos Upanishads como *prakṛti* e o controlador de Māyā como *Iswara*.⁴ Tem sido também chamada de ignorância. Ignorância nem sempre significa a ausência de sabedoria mundana ou das ciências materiais. Alguém pode ser ignorante de tudo isso, porém consciente de sua verdadeira natureza que é a verdadeira sabedoria. Enquanto que outro pode ter conhecido muitas ciências e ainda assim ser ignorante do que é realmente. Esta última sabedoria leva ao bem estar material e a primeira à liberação espiritual que é a paz eterna.

Aqui encontramos algumas questões intrincadas. De quem é esta ignorância? De onde vem? Como pode o resplandecente Ātman⁵, estar coberto por essa ignorância? Então Māyā é mais poderosa do que o Ātman? Vamos verificar estas questões uma por uma. A ignorância, diz o

³ Citada do Soviet Weekly, 1 de Agosto de 1963. Publicada do 3, Rosary Gardens, London, S.W.7.

⁴ Svetasvatropanishad, 4.10.

⁵ O Ser Supremo, ou Brahman (nota do tradutor).

Vedantista, é de dois tipos, uma é a primordial Mâyā, através da qual Iswara⁶ projeta o mundo; e a outra que controla o jiva⁷ prendendo-o ao mundo. Portanto, existe Mâyā em Iswara, que é o Seu próprio poder e ignorância no Jiva. Por isso esta ignorância é do jiva. Chegamos à segunda questão: De onde vem esta ignorância se o Ātman é a consciência auto resplandecente ou Conhecimento Absoluto? A resposta do Vedantista que apela à razão é que esta ignorância não teve um início. Ou como Swamiji diz, ‘a Verdade nunca sonha...a ilusão surge da ilusão apenas.’ Nenhuma resposta satisfatória pode ser obtida para esta questão enquanto estejamos no plano de Mâyā. Isto é verdade não apenas para Mâyā, mas para o mundo também, que de acordo com o Vedantista não é nada além de Mâyā. Não se sabe de onde veio este universo e em que é suportado. Esta afirmação pode parecer absurda para muitos, pois tanto tem sido descoberto sobre isto pelos cientistas. Mas esquecemos de que a ciência lida apenas com coisas que já surgiram, de objetos percebidos, ou para dizer de modo breve, objetos ao alcance dos sentidos. Eles não podem dizer o que existia antes da criação, talvez bilhões de anos atrás. Além disso, os cientistas não podem pensar em um tempo quando não havia a criação. Ou seja, eles trabalham no tempo, no espaço e em termos de causalidade. Quando puderem ir além destes somente então poderão chegar a conhecer de onde surgiu esta criação. Swami Vivekananda pertinente e categoricamente afirma, ‘nenhuma quantidade de conhecimento do mundo externo poderia solucionar este problema (do mistério do universo).’ “Mas, diz o cientista, estamos apenas começando a conhecer um pouco. Espere alguns milhares de anos e teremos a solução.” “Não, disse o Vedantista, pois ele já provou acima de toda dúvida que a mente é limitada, e não pode ir além de certos limites – além do tempo, espaço e causalidade. Como nenhum homem pode pular para fora de si mesmo, assim também não pode ir além dos limites que foram colocados para ele pelas leis do tempo e espaço. Cada tentativa de solucionar as leis da causalidade, tempo e espaço, seriam fúteis pois a própria tentativa teria que ser feita pressupondo a existência destes três.’ Estes modos de pensamento de acordo com tempo, espaço e causalidade é o que o Vedantista chama de Mâyā.

Sri Ramakrishna sobre Mâyā

Sri Ramakrishna em seu jeito simples e inimitável descreve Mâyā como ‘luxúria e cobiça’. Veremos como esta declaração se compara com a interpretação tradicional de Mâyā e quanto está de acordo com a vida

⁶ O Supremo Senhor do Universo, Deus Pessoal (nota do tradutor).

⁷ Ser Individual, ser humano (nota do tradutor).

prática. O Vedantista diz que Māyā prende o jiva ao mundo e esta é exatamente a ação da luxúria ou paixão – paixão por poder, por gozo e por riqueza. Que isto é verdade tem sido provado várias vezes. Por isso é que todos os mestres da humanidade ensinaram ao verdadeiro aspirante espiritual a renunciar a estes, se querem a libertação desta escravidão. Analise os motivos por trás de qualquer ação de qualquer indivíduo em qualquer parte do mundo. Existe alguém, - exceto é claro aqueles que foram além do apego mundano – cujo motivo não pode ser classificado sob estas divisões? Se conhecermos o motivo de um indivíduo que mata, rouba ou engana, ou uma nação que viola, invade ou destrói seus vizinhos, certamente descobriremos que o motivo está entre uma dessas categorias. A Religião, contudo, não existe para exercitar nosso poder de gozar, mas de vencer o forte desejo de fazê-lo. Esta simples definição de Sri Ramakrishna é muito apta e ao mesmo tempo elimina completamente as teias da confusão que se juntaram ao redor desta palavra Māyā que parece tão simples para ser verdade. Mas como Swamiji afirma, ‘As Verdades da vida são as mais simples’, mas não podemos compreendê-las na primeira vez devido a sua simplicidade. Porém esta definição não contradiz em nada o significado Vedântico⁸ de Māyā, que é o poder de encobrir o Real e apresentar o irreal como o Real. Pois não é a paixão pelo irreal que arrasta ao homem para o redemoinho do mundo? Isto ficará claro se mencionarmos Sri Ramakrishna novamente onde ele diz, ‘Apego a seus parentes é Māyā’. O mundo inteiro sabe quão poderoso é este apego.

Swami Vivekananda sobre Māyā

Swamiji ilustra ainda mais esta mesma ideia de Sri Ramakrishna quando diz, ‘Māyā é uma simples constatação de fatos tais como são - o que somos e o que vemos ao nosso redor’. Ele não apenas comenta enfaticamente e nos pede para acreditar ou deixar o resto para a nossa imaginação. Ele substantia esta declaração com comentários. Ele toma o tremendo fato da morte e comenta: ‘O mundo inteiro segue em direção à morte; tudo morre. Todo nosso progresso, nossas vaidades, nossas reformas, nossos luxos, nossa riqueza, nosso conhecimento, têm aquele único fim – morte. Isto é tudo o que é certo. Cidades vêm e vão, impérios surgem e decaem, planetas se desfazem em pedaços e viram poeira, para serem absorvidos pelas atmosferas de outros planetas. Isto tem acontecido desde um tempo sem início. A morte é o fim de tudo. A morte é o fim da vida, da beleza, da riqueza, do poder, da virtude também. Santos morrem e pecadores morrem, reis morrem e mendigos morrem. Estão todos indo para a morte, e mesmo assim este tremendo apego à vida existe. De

⁸ Relativo à Filosofia Vedanta (nota do tradutor).

alguma maneira, nós não sabemos por que, nos prendemos a vida; não conseguimos abandoná-la. E isto é Māyā'. Adiante ele assinala como 'a menor quantidade de prosperidade material que desfrutamos está em algum lugar causando a mesma quantidade de miséria'.

Swamiji então continua a descrever energicamente o fato do universo: Como, assim como uma gangorra, alternando entre sofrimento e felicidade, encanta ao homem e o mantém em suas garras. 'Isto, ele diz, é Māyā'. Por um pouquinho de felicidade, se sofre uma carga de sofrimento pacientemente. A natureza nos faz trabalhar como um boi preso a um moinho. Com um punhado de feno pendendo a sua frente e amarrado nele o boi fica tentado e se move sem parar, mas nunca atinge o cobiçado alimento. Assim também nós somos usados para arar os campos da natureza e moer neste moinho e ainda assim pensar que venceremos um dia esta natureza. Isto é Māyā.

Outro argumento errôneo ao qual o homem está sempre inclinado é: que ele está progredindo rumo ao bem, e chegará um dia onde haverá só o bem e nenhum mal. Se fosse assim, porque existe um crescente número de cortes de justiça e um crescente número de ações judiciais? Porque existem tantos esquadrões de polícia, tantos esquadrões anticorrupção e polícia de segurança, homens mendigos, etc.? É este o sinal de diminuição do mal? Não há dúvida, o homem da era moderna comparado com o homem da floresta, consideravelmente melhorou em direção ao bem, como também em seu poder para fazer o bem. Mas pelo dito acima também é claro que na mesma proporção o mal também aumentou. Ainda assim não acreditamos nisso e isto é Māyā.

Este mundo é um lugar de contradições. É na melhor das hipóteses o inferno de Tântalo⁹, e ainda assim não o reconhecemos como tal, pois quando o saibamos, desejaremos deixá-lo. Não podemos adicionar uma gota a mais na felicidade do mundo, sem adicionar sofrimento a ele na mesma proporção. Podem perguntar-nos então aqui se é errado fazer o bem. Ninguém dirá isso. Mas devemos nos lembrar de que todo este ato de fazer o bem é para o sua própria elevação. Devemos fazer o bem, pois este é o modo de evitar o mal; apenas não o façamos com a ideia de que seremos capazes de eliminar o sofrimento deste mundo. Pois, como Swami Vivekananda diz, 'É como reumatismo crônico. Elimine-o das pernas e ele irá para a cabeça'. Nós vimos assim, como a ideia de Māyā de Swamiji, longe de ser contraditória à de seu Mestre, explica-a mais completamente e

⁹ Rei mitológico grego, filho de Zeus. Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim. Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força do vento. A expressão suplício de Tântalo refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular "Tão perto e, ainda assim, tão longe". (Fonte Wikipedia – nota do tradutor).

por isso em nada está em desacordo com o significado tradicional. Ele apenas eliminou o labirinto sobre este assunto e colocou-o em uma linguagem simples para que mesmo um homem comum, não acostumado com a tradição, possa também compreender e assimilar.

Māyā é Eterna?

Quando o Vedantista diz que Māyā não tem início, significa então, como consequência natural, que não tem um fim? Vedanta não deixa dúvidas sobre isto. Vedanta diz: 'Não, Māyā pode terminar.' Esta posição da Vedanta será clara quando discutirmos a natureza de Māyā. Por agora aceitaremos isso com uma hipótese. Se esta declaração da Vedanta for aceita, então a liberação, que é a meta da vida humana torna-se um fato assegurado. Māyā cessa de ter influência sobre o indivíduo quando ele vê a si mesmo em sua forma verdadeira, que é Sat-Cit-Ananda¹⁰. E este "ver" é a liberação de acordo com qualquer conceito conhecido, apenas um pouco modificado aqui ou ali em conformidade com os temperamentos individuais. E se mantivermos que Māyā sendo sem um início deve também ser interminável? Então não haveria a questão do esforço para a liberação, neste caso a alma individual não poderia ir além de Māyā, que é o critério da liberação.

Como Māyā ou Ignorância cobre o Auto Resplandecente Ātman?

Isto nos leva à terceira questão: Se está dito que o Ātman é o Conhecimento Absoluto, como pode a ignorância obscurecê-lo? Responderemos isto com um exemplo familiar. Considere o sol, que é um corpo luminoso. Ele é obscurecido pela presença de nuvens na atmosfera e de acordo com a densidade das nuvens, o sol é parcialmente visto ou não percebido totalmente. Pode ser que não sejamos capazes de vê-lo por vários dias. Como consideramos isso? As nuvens não são tão vastas como o sol, no entanto elas o cobrem em uma área particular. Pode ser objetado aqui que a comparação é incorreta, pois o sol está muito longe enquanto que as nuvens estão muito próximas comparadas com a distância do sol, o que não é o caso com o Ātman. O Ātman é nosso próprio Ser. Sim, diz o Vedantista, apesar de ele (o Ser) estar muito próximo, parece muito longe estando manchado pelas nuvens do apego às coisas, como o corpo, e outras além do Ātman. Por isso os Upanishads dizem, 'Ele está longe e (ao mesmo tempo) é o mais íntimo; está dentro de tudo e (ao mesmo tempo)

¹⁰ Existência – Consciência - Bem-aventurança Absoluta (nota do tradutor).

fora de tudo.¹¹ Portanto não é uma fantasia, um argumento infundado ou um argumento sem paralelos dizer que a ignorância cobre o Auto Resplandecente Ser. Agora, quando as respostas acima forem completamente compreendidas, será fácil saber o que esperar para a quarta questão. Se Māyā ou ignorância pode terminar, como pode ser mais poderosa do que o Ātman? Nós nos deixamos manchar e estamos chorando, ou como Swamiji diz, 'Nós colocamos nossas mãos diante de nossos olhos e choramos dizendo que está escuro. Retire as mãos e haverá luz; a luz existe sempre para nós, a auto resplandecente natureza da alma humana'.

Māyā como Nome e Forma

Falamos de Māyā como ignorância. O que significa isto é explicado por uma passagem dos Upanishads. 'Todas as formas e nomes são apenas um jogo de palavras, o barro (a substância [que forma a cerâmica]) apenas é real'¹². Nossa ignorância é sobre esta substância. Consideramos o nome e a forma como sendo reais. E isto é o que nos ilude. O Upanishad nos dá três exemplos: do barro, do ouro e do ferro. O Upanishad diz que quaisquer que sejam as formas em que uma substância se transforme e por quaisquer nomes que seja chamada, não têm existência separada da substância. Potes, panelas e vasilhas que são feitas de barro não podem ter existência exceto no e através do barro, a substância. Os colares, anéis e pulseiras de ouro não podem ter existência separada do ouro. 'Jamais podemos ver nome, forma ou causas existirem por si mesmos. Este fenômeno é Māyā', diz Swamiji. Assim como isto é assim no mundo da matéria, também é com o universo – seja homem, animal, sol, lua ou estrelas, tudo é nome e forma enquanto que a verdadeira substância é apenas Uma. Quando os nomes e formas são destruídos o que permanece é apenas aquele Eterno Espírito, Ātman, Brahman. Este nome e forma traz a dualidade e assim cria a ilusão. É a ignorância da substância, da qual o universo é apenas uma visão distorcida, que traz toda a ilusão. Agora a questão é como o Espírito Infinito torna-se finito. Nós tratamos dessa questão antes em um contexto diferente, mas merece repetição aqui. Vedanta diz que esta dualidade é apenas uma aparência, em realidade é Não-Dual¹³. Quando olhamos através de Māyā, através do tempo, espaço e causalidade, o infinito parece ter se tornado finito. E enquanto se permanece neste campo do tempo e espaço não se pode deixar de ver os muitos e iludir-se. Esta é uma constatação de um fato e vemos como é bela

¹¹ Isa Up. 5.

¹² Chandogya, 6.1.4.

¹³ Mandukyakarika, 1.17.

e adequada a definição de Swamiji sobre Māyā, como uma constatação de fatos, tais como são.

Mas para todos os propósitos práticos vemos a natureza agindo. Ela produz o dia e a noite, a folhagem e o deserto, as perturbações na mente do homem e as convulsões nas galáxias. Esta é uma força tremenda e sentimos o impacto dela em todos os dias de nossa vida. Ainda assim, diz o Vedantista, o caminho para a liberação, liberdade, não é com a natureza, mas contra ela. Swamiji observa: ‘Nós não nascemos como ajudantes da natureza, mas para competir com a natureza. Nós somos seus mestres, mas nós mesmos nos amarramos. Por que esta casa está aqui? A natureza não a construiu. A natureza diz, ‘vá e viva na floresta’. O homem diz, ‘eu construirei uma casa e lutarei contra a natureza’ e assim ele faz. Toda a história da humanidade é uma luta contínua contra as assim chamadas leis da natureza e o homem ganha ao final’. Isto é assim mesmo no mundo interno. ‘O homem, continua Swamiji, abre seu caminho para fora da natureza em direção à liberdade’. Esta natureza, que é uma constatação de fatos, tem sido descrita na Vedanta como Māyā. Agora vemos que importa pouco por qual nome é chamada, ignorância, natureza ou Māyā, o poder é o mesmo. Estamos nela; não sabemos como chegamos a ela, mas vivemos nela. Todo nosso pensamento e ações estão em Māyā.

Natureza de Māyā

Qual a natureza desta Māyā que é uma força tão poderosa? E qual é o modo de sair dela? Māyā, também chamada de *avyakta* é o poder do Senhor. É sem início; é constituída dos três *gunas* – *sattva*, *rajas* e *tamas*, e é superior aos efeitos. Pode ser deduzida somente pelos sábios pelo efeito que produz. E é esta Māyā que projeta o mundo, diz Sri Sankara em seu *Vivekachudamani*¹⁴. Continuando ele descreve a sua natureza assim: ‘Não é existente e também não é inexistente; nem tem a característica de ambas¹⁵’. Não é existente, pois pode ser destruída pelo Conhecimento de Brahman, da mesma forma que a corda confundida por uma cobra vista no escuro não é mais existente quando a luz brilha sobre ela e a corda torna-se conhecida. Não é inexistente, pois projeta todas as diferenças e pode ser deduzida pelos efeitos que produz. Não pode ser de ambas as características, pois tal coisa é uma incongruência. Pelo jogo de seus *gunas* Māyā lança um véu, por assim dizer, sobre a Real substância e aparentemente a distorce para parecer como coisas divergentes. Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que explica a natureza de Māyā: “Um dia um sacerdote estava indo ao vilarejo onde morava seu discípulo. Ele

¹⁴ Verso 108.

¹⁵ Verso 109.

não tinha nenhum servente com ele. Vendo a um sapateiro no caminho, ele pediu que o acompanhasse. O sapateiro hesitou pensando que não ficaria bem para ele, mas o sacerdote assegurou que ninguém saberia sobre sua identidade se ficasse em silêncio. O sapateiro concordou. Ao anoitecer, enquanto o sacerdote estava sentado fazendo suas orações na casa do discípulo, outro brahmana¹⁶ chegou e perguntou ao servente do sacerdote para trazer seus sapatos. Fiel ao comando de seu mestre, não respondeu apesar dos pedidos repetidos. No fim, ficando zangado, o brahmana disse com raiva: ‘Tonto, por que não fala? Você é um sapateiro?’ O sapateiro ouvindo isso começou a tremer de medo e olhando para o sacerdote disse: ‘Venerável senhor, fui descoberto. Não ficarei aqui mais.’ Assim dizendo saiu correndo do lugar. Da mesma forma, assim que Mâyā é reconhecida, desaparece”.

Mâyā é poderosa, sem dúvida, mas pode ser superada, diz o Vedantista, por aqueles que recorrem à Brahman. Sri Krishna disse no Gitā, ‘Esta Minha divina Mâyā constituída pelos gunas é muito difícil de transcender. Apenas aqueles que se refugiam em Mim podem fazê-lo’¹⁷. Cristo também disse o mesmo, ‘Venham a Mim, vocês que estão sobrecarregados e Eu lhes darei descanso’. Mâyā, portanto, pode ser transcendida apenas realizando o Senhor, ou Brahman, a verdadeira Realidade. Até então o que quer que façamos ou pensemos estaremos ainda em Mâyā e simplesmente negá-la não nos ajudará.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹⁶ Pertencente à casta sacerdotal (nota do tradutor).

¹⁷ Bhagavad Gita, 7.14.